

IRINEU DE LYON: O DEFENSOR DA ÚNICA VERDADE

IRINEU, Santo, Bispo de Lyon. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística).

Vitor Vinícios da Silva*

A história é a ciência dos homens que busca entender os fatos já vividos, nas palavras do escritor Aurélio Buarque de Holanda; e ainda: é a “narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral” (MOTA, 2005). Nesse sentido, buscaremos nesta resenha conhecer o notável Santo padre Irineu de Lyon que marcou a história das Igrejas, tanto do Oriente como do Ocidente, pelo seu ardor missionário e sua defesa do tesouro da fé.

Irineu foi um homem do século II. Não há uma data confiável de seu nascimento, mas acredita-se que tenha acontecido entre os anos 130 e 160. Nasceu na província romana da Ásia Menor Proconsular, isto é, na região mais ocidental da atual Turquia. Com base nos seus escritos, sabe-se que o defensor da fé teve formação filosófica, pois utilizou-se dela para defender a fé cristã e combater os movimentos hostis de sua época. Depois de um tempo, Irineu migrou para as Gálias, atual França, onde foi presbítero e depois, em substituição de São Potino que foi martirizado, se tornou bispo de Lyon.

Sua personalidade, segundo Liébaert (2000), é marcada pelo espírito missionário, pacífico e sensível à comunidade de fé. Apesar de ser tido como pacífico por Eusébio (*História eclesiástica*, V, 24,12-17), ele soube lidar com os desafios da sua época, defendendo de forma veemente os perigos que ameaçavam a fé cristã. Por essa razão, suas obras foram motivadas por preocupações pastorais. Por outro lado, suas duas grandes obras escritas em grego que chegaram até nós — *Demonstração da pregação apostólica*, em grego *Epideixis*; e a *A falsa gnose desmascarada e refutada*, em latim tomou o nome de *Adversus Haereses* — demonstram o combate do Santo padre às primeiras heresias surgidas. Ao combater, de modo particular o que chamava de falsa gnose, ele demonstra a originalidade do cristianismo num contexto de perseguições que a Igreja vivia. Apesar de termos acesso às duas obras, vamos

* Graduação em filosofia no Instituto Santo Tomás de Aquino. E-mail: vitorvinicios916@gmail.com.

nos ater, nesta resenha, à obra *Epideixis*, que nos levará a entender a síntese teológica de Irineu e o fenômeno herético de seu tempo, denominado como gnosticismo.

Para entendermos melhor a obra escolhida, é necessário deixarmos claro o pano de fundo da escrita do autor, pois o influenciara de forma profunda. Como dito acima, Irineu, antes de tudo, era um pastor que estava atento às necessidades de seu tempo e, dessa forma, teve que enfrentar um período de efervescência de movimentos heréticos, na metade do século II. Essa efervescência deriva da busca por colocar em prática, após a morte de Cristo, aquilo que ele relegou aos seus, a de compreender a essência do cristianismo. Com isso, esses homens de fé serão também objeto de críticas e contestação por parte daqueles que não a aceitavam ou daqueles que pensavam diferente. Um dos exemplos é a defesa da fé em um Deus crucificado, a imposição de uma escultura judaica, isto é, um abandonar da compreensão de que para haver salvação eram necessárias a estirpe judaica e a lei de Moisés, sendo um absurdo para os judeus. Destarte, houve uma necessidade de filtrar aquilo que de fato era o cristianismo e o que eram as doutrinas gnósticas. É com esse intuito que surgem escritores que discursam e escrevem com o objetivo de purificar o verdadeiro do falso, e dentre esses temos Irineu de Lyon, que combaterá, de maneira especial, a Valentim, que era um grande mestre gnóstico e um dos mais influentes do seu tempo.

É importante lembrar que esse termo *gnôsis* (de onde deriva o termo gnosticismo), na sua etimologia, provém do grego e se refere a conhecimento, usado por Aristóteles e outros filósofos. Por outro lado, esse termo foi revestido, ao longo da história, de outras significações e, por isso, deve ser entendido como um conceito polissêmico, podendo ser lido de maneiras diferentes, dependendo do autor. Além do mais, o que temos desse fenômeno chamado gnosticismo, derivado da palavra *gnôsis*, é por meio dos cristãos refutadores; ou seja, temos apenas um ponto de vista, aquilo que o outro fala. O motivo é que tivemos um movimento histórico que fez com que se perdessem os textos originais, tornando impossível reconstruir com fidelidade essas doutrinas gnósticas.

Para além dessas questões, o que devemos ter claro é que existem, aquele momento, dois entendimentos ou significados de gnose: uma falsa e uma verdadeira. A gnose verdadeira é aquela entendida como uma experiência unificadora e divinizadora que permite alcançar a Deus num contato pessoal e unir-se realmente a ele. Essa compreensão é chamada também de mística — conhecimento direto, pessoal, unitivo (GILSON, 1995, p. 25). Entretanto, essa gnose verdadeira pode ser corrompida, e por isso vamos chamá-la de gnosticismo, que é o conjunto de sincretismo entre religião e filosofia grega que, encontrando a fé cristã, tentaram

assimilá-la (GILSON, 1995, p. 25). Em outras palavras, esse movimento denominado falsa gnose buscava substituir a fé pelo conhecimento; já a verdadeira gnose é aquela que busca conhecer a fé, mas não a substitui pela razão.

Frente a essa má compreensão e ameaça à verdadeira doutrina, Irineu irá refutar o gnosticismo com base na ideia de que está com a verdade, pois, para ele, a verdade pertence à Igreja. Assim, suas obras podem ser vistas por três aspectos, sendo um deles o aspecto da refutação, do combate, do ataque aos gnósticos, ou seja, apologético; o outro como uma catequese, pois escreve, para além da refutação, direcionado ao público de sua Igreja para lhes demonstrar a verdade; e no aspecto de tratado, pois há uma discussão teológica.

A obra escolhida para análise, *Demonstração da pregação apostólica*, teria sido escrita em grego — *Epideixis* — provavelmente pelos anos 190. A obra original se perdeu; apenas em 1904 foi descoberta uma versão em armênio pelo então arquiemandrita e depois bispo do Azerbaijão, Karapet Ter-Mekérttchian, e publicada por Erward Ter-Mivassiantzs, em 1907. Assim, é a partir dessa tradução que conhecemos a escrita de Irineu.

Essa obra, nesta resenha, será entendida em duas partes, apesar de a editora Paulus considerá-la em três partes. A primeira será considerada do capítulo 1 ao 44, na qual o autor resgata toda a história da salvação por meio da narrativa bíblica, buscando demonstrar uma visão sintética, desde a criação do homem até a encarnação do Verbo. Sua escrita tem como objetivo entrelaçar tudo aquilo que foi dito entre Deus e os patriarcas, tudo aquilo que foi predito entre os profetas para culminar na figura de Cristo como o novo Adão, e de Maria como a nova Eva. Ademais, toda essa narrativa vem coincidir com o anúncio do filho de Deus que vem guiar o novo caminho. É o Cristo que vem cumprir a promessa feita aos antepassados e realizar a promessa feita a Abraão que sua estirpe seria numerosa, veio também cumprir a promessa a Davi de que lhe havia prometido surgir um fruto do seu seio que seria rei eterno. Em síntese, afirma que Cristo veio restituir a vida, e é por isso que o verbo se fez carne, “[...] a fim de desatar a morte e vivificar o homem, porque nós estávamos presos ao pecado e destinados a viver sob o império da morte” (IRINEU, 2014, p. 98). Por outro lado, podemos dizer que essa obra é como uma “síntese didática” da obra *Adversus Haereses*, em que o padre procura refutar de forma clara e mais veemente o gnosticismo.

Nessa escrita, Irineu defenderá que existe apenas um caminho verdadeiro, que é o de Cristo, os demais são vãs ilusões que levam à morte e não à vitória. O autor exortará seu destinatário a ter coragem para proclamar a sua fé, a fim de ser fiel àquilo que é a verdade única. Ao mesmo tempo, refuta as ideias do gnosticismo como, por exemplo, a visão de que o

mundo material é mau e ele não foi gerado por Deus, mas por um demiurgo do qual é necessário libertar-se. Frente a isso, defende, em sua escrita, o homem composto por dois elementos que interagem e se integram, isto é, o corpo e a alma, nem um nem outro devem ser negados.

Mas a que serve conhecer a verdade através das palavras, se profana o corpo e se realizam ações degradantes? Qual vantagem haverá ao conservar realmente a santidade do corpo se a verdade não está na alma? Ambas, de fato, devem estar juntas, são aliadas, e combatem lado a lado para conduzir o homem à presença de Deus. (IRINEU, 2014, p. 72).

Outro aspecto importante, nessa primeira parte, é que o autor apresenta a regra de fé para todos os crentes, e suas consequências. Aqueles que recebem o selo do batismo, da vida eterna, devem manter inalterada a verdade incorruptível. Deus está “acima de todas as criaturas, e que cada coisa, de qualquer espécie, está sujeita a ele, e o que está sujeito a ele foi criado por ele. [...] De fato, Deus é onipotente, e tudo provém dele” (IRINEU, 2014, p. 74). Assim, deixa claro que jamais a criatura pode estar acima do criador, jamais o ser humano pode se colocar acima D’ele na tentativa de subjugá-lo, de esgotá-lo no seu intelecto. Em outras palavras, deixa claro que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, Ele é o motor imóvel, uno, que cria e gera as demais coisas.

Tendo essa primeira parte esclarecida, podemos compreender a segunda parte, sendo ela do capítulo 42 ao 100. O autor, nessa segunda parte, demonstrará de fato a verdadeira fé em Cristo. Para tal, ele fará uma concordância entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento para que, no fim, todos o reconheçam e creiam que já antes mesmo da encarnação do Logos ele já existia e era prenunciado pela boca dos patriarcas e dos profetas. Por outro lado, percebemos aqui o aspecto da catequese e a continuação da refutação da falsa gnose demonstrando a verdade da fé.

Olhando um pouco para o aspecto da refutação, segundo Bento XVI, Irineu deixa claro que a fé “[...] não se trata de uma transmissão confiada à habilidade de homens mais ou menos doutos, mas ao Espírito de Deus, que garante a fidelidade da transmissão da fé [tradição apostólica]” (BENTO XVI, 2018, p. 34). Além disso, permite também que se entenda de forma clara que a revelação se dá no plano histórico e nele progride; em outras palavras, justifica a humanidade, o sofrimento e a morte de Cristo em oposição à visão apenas deificada dele. Enfim, com base nessas premissas, podemos entender que a obra de Irineu tem como característica uma síntese teológica que apresenta a doutrina cristã de forma condensada

a partir do Antigo Testamento para o Novo Testamento. “Irineu interpreta que as teofanias contidas no Antigo Testamento têm como finalidade, de um lado, iniciar o Verbo divino a habitar entre os homens e, do outro, preparar os homens a acolher entre eles o Verbo encarnado” (RIBEIRO, 2014, p. 69).

Com base nesse panorama podemos afirmar, segundo Ribeiro (2014, p. 64), que temos como característica na obra “o tema do batismo e da trindade, compreendida nos três principais artigos do Credo Batismal, elaborados a partir da fé na Trindade”. De forma especial, o Espírito Santo ganha ênfase maior, pois foi Ele que inspirou os profetas, é Ele que assiste toda a Igreja e faz com que o fiel dela participe. De outra forma, nos leva a entender, ao mesmo tempo, a universalidade da Igreja, pois ela é guiada pelo Espírito, “[...] não terão que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: ‘Conhece a Iahweh’. Porque todos me conhecerão, dos maiores aos menores” (IRINEU, 2014, p. 133). Aqui, nessa citação, vemos uma resposta às ideias produzidas pelos gnósticos que acusavam que a fé,

[...] ensinada na Igreja seria apenas um simbolismo para os simples, que não são capazes de compreender coisas difíceis; ao contrário, os idosos, os intelectuais — chamavam-se gnósticos — teriam compreendido o que está por detrás destes símbolos, e assim teriam formado um cristianismo elitista, intelectualista. (BENTO XVI, 2018, p. 30)

Já coroando a sua obra, o autor conclui que o caminho da verdade é aquele que os profetas anunciaram e o que Cristo instituiu. Ao mesmo tempo, ressalta mais uma vez, em resposta aos hereges, que não existe um outro Deus [um demiurgo], mas um único; e aqueles que negam depreciam a única verdade. Assim, frente a essas falsas verdades “[...] devemos nos resguardar, evitar os seus caminhos, se realmente queremos agradar a Deus e obter a salvação” (IRINEU, 2014, p. 140).

No fim, para além de tudo o que foi abordado, podemos perceber que existe uma gama de riquezas na sua obra que é passível de ser abordada de forma mais aprofundada, mas nosso objetivo primordial, nesta resenha, é analisar o aspecto da refutação, em Santo Irineu. Dessa maneira, chama-nos a atenção a maestria e o domínio do Santo Padre na matéria defendida por ele. O método tomado como recurso é o do retorno às Escrituras e, a partir disso, haverá uma leitura alegórica do Antigo Testamento tendo Cristo como realização das promessas. Com efeito, podemos perceber a sutileza e capacidade de levar o leitor a separar o “joio do trigo”. Ao mesmo tempo, isso nos leva a perceber a necessidade de a Igreja, isto é, leigos (as), estar atenta às ameaças que ocorrem em nosso tempo, pois da mesma maneira que a Igreja no

século II corria o risco de se perder em falsas heresias, nós também hoje corremos. Como exemplo, podemos pensar no tema da idolatria tão pungente na América Latina, que afasta os cristãos do verdadeiro caminho. Sobre a idolatria já acenava a Conferência episcopal de Puebla, no n° 491, “nada é divino e adorável fora de Deus. O homem cai na escravidão quando diviniza ou absolutiza a riqueza, o poder, o Estado, o sexo, o prazer ou qualquer criatura de Deus, inclusive seu próprio ser ou sua razão humana”. Dessa maneira, podemos perceber o quanto a Igreja está impregnada de perigos tanto dentro como fora dela. Há perigos de uma não reverência ao Deus Trino, para uma reverência extra Deus Trino, ou seja, deuses de religiões não cristológicas ou até mesmo a natureza (panteísmo) que acaba assumindo o lugar de Deus.

Para além da defesa desses riscos, necessitamos, à maneira de Irineu, de líderes eclesiais atentos à necessidade de nosso tempo. Bispos e padres capazes de mostrar a originalidade do cristianismo e, ao mesmo tempo, capazes de alimentar com a matéria das Sagradas Escrituras, no sentido de catequizar. Há, na Igreja de hoje, escassez de líderes que conheçam, de fato, a fé que proclamam, que desapeguem das futilidades secundárias da vivência eclesial, como panos, dinheiro e tantas outras coisas. Enfim, a partir da obra de Irineu constatamos que necessitamos de homens e mulheres que deem respostas aos desafios e demonstrem o tesouro da fé, refutem com veemência os perigos de nosso tempo e deixem de corresponder àquilo que é contrário ao caminho da única Verdade.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI, Papa. **Oração e santidade**: catequese ao povo de Deus. São Paulo: Molokai, 2018.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIÉBAERT, Jacques. **Os padres da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2000. v. 1: Séculos I – IV.

MOTA, Myriam B. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 2005.

RIBEIRO, Ari L. do Vale. Introdução. In: IRINEU, Santo, Bispo de Lyon. **Demonstração da pregação apostólica**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 9-69. (Coleção Patrística).